

na tudo o que Clara escreveu em termos de ficção foi produzido depois que se separaram garante sua biografa. A ruptura da dupla foi alias feroz. Depois que se separaram no final dos anos 30 ele nunca mais falou com ela sua família e amigos afirmaram que ele nunca leu uma palavra do que ela publicou (p.52)

No caso das Delaunay embora Chadwick afirme que seu encontro em 1908 marca o começo de um dos intercâmbios artísticos mais produtivos de certa forma mais mutuamente enriquecedores do século XX (p.30) Sonia ao invés de ser reconhecida como grande pintora como Robert Delaunay fica a inventar bordados e a pintar tecidos para ganhar a vida enquanto o mundo brilha nos salões de pintura

Não é da admirar que a primeira obra puramente abstrata de Sonia Delaunay não tenha sido uma pintura e sim uma colcha de retalhos e appliquéd (sic) de cubos e arcos geométricos de cores vivas feita logo depois do nascimento do filho do casal em 1911 (p.33)

Sonia afinal seria o mais conhecido entre vários artistas do século XX cujos desenhos foram aplicados ao mundo da moda (p.40) e só a morte de Robert libertou a da convicção de que somente um dos dois poderia seguir a carreira pública como artista (p.41)

Embora estas parcerias desiguais devam ter um certo fracasso da ideia que o livro promete dar o conjunto das histórias nela reunidas e da maior importância. Não vem ao caso o fato de que hoje o mercado de arte esteja valorizando (para muitos artificialmente) a obra

de Frida Kahlo em detrimento da de Diego Rivera seu professor e incentivador. No belo ensaio de Hayden Herrera o que se vê é um casamento de um pintor famoso com uma iniciante resultar em uma riquíssima troca intelectual e artística apesar das atribuições no seu relacionamento sexual. Lilian Hellman & Dashiell Hammett Camille Claudel & Auguste Rodin Anais Nin & Henry Miller Leonora Carrington & Max Ernst Kay Sage & Ives Tanguy Vanessa Bell & Duncan Grant Simone & André Schwarz-Bart Lee Krasner & Jackson Pollock além das duplas já citadas cada história apresenta novas e muito bem tratadas questões sobre a competição entre casais quando cada um dos parceiros pretende o sucesso artístico

O melhor do livro e exatamente isto não havia a conclusão Virginia Woolf fôrano dada uma escritora menos bem sucedida se não tivesse encontrado Vita? Foi Rodin e sua verdade que levaram Camille à loucura? O relacionamento homossexual é mais propício a criação artística? Não se tenta responder o irresponsável ou mesmo o que nem sequer cabe perguntar. Apenas se procura resgatar histórias de vida a dois que podem ser infinitamente diferentes umas das outras de pessoas que adquiriram fama em consequência de sua atividade artística. É curioso simpático estimulante. Mas não da para soar generalizando. E as organizadoras do livro têm o bom gosto de não tentar

ANA ARRUDA CALLADO

Uma experiência a ser vivida

Entre Amigas A correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy (1949-1975)

BRIGHTMAN Carol (org.)

Rio de Janeiro Relume Dumará 1995

Difícil é a tarefa de resenhar uma obra como *Entre Amigas*. A dificuldade cresce a cada página que se avança por a leitura é tão envolvente tão atraente produz um tal en-

contamento que se torna quase impossível assumir uma postura minimamente crítica.

Na verdade *Entre Amigas* não é para ser comentado não é para ser criticado ou discutido e para ser lido. É antes de tudo uma experiência a ser vivida. Os romances são escritos para nos leitores e leitores os dianos quando verdadeiros se esgotam no ato de escrever de outra forma são romances disfarçados. A carta entretanto está em uma posição muito especial e para ser lida apenas por um outro. Nela está contido o outro no texto de cada um. E o outro está contido em cada linha. Na correspondência entre Hannah e Mary sempre en-

contrarias em cada carta as duas. Há duas Hannahs: a que escreve para Mary e a que está pressuposta nas cartas de Mary. A mesma coisa acontece em relação a Mary. São todas estas presenças fortes que fazem desta correspondência antes de tudo uma grande história de amor.

Ao ler as cartas trocadas entre Hannah e Mary ao longo de 26 anos estabelecemos uma relação muito forte com os próprios sentimentos que transbordam em cada uma. O primeiro contato do leitor com os textos é o de constrangimento, é o de estar invadindo a privacidade destas duas grandes mulheres. Temos na mão um livro publicado e vastamente traduzido pelo mundo, mas estranhamente em certos momentos temos a sensação de estarmos tendo na gaveta alheia. As cartas não foram escritas para nós; como leitores, temos de nos conformar, superar o constrangimento, com o papel de *voyeurs*.

Buscar um tema central nesta correspondência é correr o risco de deixar de fora momentos muito importantes. Pode-se dizer que as cartas tratam de um único tema, a vida das duas mulheres. Duas mulheres ligadas por um fortíssimo sentimento de afeto, grande solidariedade mútua e um positivo sentido ético em relação a suas posições como cidadãs públicas frente aos acontecimentos políticos que tiveram lugar ao longo de todos aqueles anos. Daí o livro trazer não só a vida destas mulheres, os sentimentos que elas experimentaram, mas também a forma como viveram e pensaram o pós-guerra, a guerra do Vietnã, os acontecimentos na França na década de 60, a crise do governo Nixon, a guerra no Oriente Médio, o golpe militar no Chile.

Mas, antes do mundo, as cartas revelam a relação entre estas duas mulheres que viveram a vida com paixão, que tiveram posições e posturas públicas, que tiveram vidas intelectuais importantes, que vivendo em continentes diferentes, encontravam-se entre uma palestra e outra, que lamentavam em todas as cartas a distância que as separavam, mas que contaram uma com a outra ao longo de 26 anos, sem limite, sem restrição, sem a mínima sombra de desentendimento. Estiveram absolutamente próximas uma da outra quando sofreram críticas a seus trabalhos, quando seus casamentos tiveram problemas, quando se apaixonavam, quando a morte ou a doença apareciam na vida de uma ou da outra.

Eram mulheres, entretanto, muito diferentes. De um lado estava Hannah, filósofa racional, buscando o equilíbrio; de outro estava a escritora e jornalista Mary, tratando de romper

seus próprios limites. Hannah vivia no mundo da filosofia; Mary era mundana, vivia no mundo da diplomacia. Mas estes dois mundos estranhamente se completavam. O mundo destas duas mulheres permitiu a Mary - ainda casada com seu terceiro marido e tendo um caso em Londres com um inglês - escrever para Hannah em desespero por ver sua fantasia se esvair. Hannah parecia ter infinita paciência com as aventuras da outra: "Então, você precisa ser afugentada; e ele deve ter sabido que seria necessário recorrer a medidas bastante drásticas. Sem dúvida, tudo isso tem muito de crueldade, mas não se pode esperar que alguém que ama atraia com menos crueldade do que trata a si mesmo" (p.73). Posteriormente, Mary separa-se do terceiro marido e apaixona-se novamente. Lá estava Hannah, tratando de colocar as coisas no lugar: "Mas por favor não se iluda: ninguém nunca foi curado de nada, traço de personalidade ou hábito, por uma mera mulher, embora isto seja precisamente o que todos as moças acham que podem fazer" (p.94).

Nos enganamos se pensarmos que a filósofa estava acima da vida cotidiana e de suas pequenas e grandes alegrias e tristezas. O carinho da relação das duas e a forma íntima e relaxada desta correspondência ficam claros quando Hannah agradece um presente mandado por Mary. "Olhem é tão incrivelmente lindo que nem sei como lhe dizer que não devia ter feito isto. Oh, Mary, como eu gostaria que você estivesse aqui e como estou consolada de escrever cartas. Por alguma razão, semana passada, ou algo assim, estive com a sensação de que você ia aparecer de repente na porta. Então chegou a seu presente e mudou de vestido para experimentá-lo" (p.121). Em outra oportunidade, já no fim da vida, Hannah escreve para Mary como uma menina obediente: "Comprei o vestido". Mary queria que Hannah comprasse um vestido para ir receber um prêmio que ganhou.

As cartas foram escritas porque uma queria saber da outra, mas também porque uma queria saber o que a outra pensava sobre si e sobre o mundo. Daí a correspondência ser um testemunho privilegiado dos acontecimentos marcantes deste quarto de século. A teoria da cidadania, por um lado, e a jornalista inquieta, por outro, nunca deixaram de se manifestar contra massacres, golpes de estado e guerras: do Vietnã ao Chile, sempre foram presenças. Além do relato de ações concretas encontramos nas cartas finas análises dos acontecimentos da época, e não apenas de Hannah, que era uma acadêmica brilhante, mas de Mary, como este precioso co-

mentana sobre o futuro de Israel escrito em 1969. Eu mesma não vejo como a não ser por milagre. Israel pode sobreviver a longo prazo que Israel isto é como uma circunstância voluntária e artificial () Não vejo saída para isto. Se os israelenses fizerem concessões aos palestinos correm ou correão o perigo de perder sua identidade nacional ou da tornar se outra vez uma minoria que poderá esperar perseguição. No entanto parece me que este caminho é o único lugar onde pode ocorrer um milagre. (p.237)

Não se espere, entretanto, encontrar ensaios bem acabados sobre as questões de política da época. Eminentum momento Hannah ou Mary escreveram uma para outra com a preocupação de comentar estes temas. Suas cartas existiam porque sentiam necessidade de se falarem de se saberem o mundo vinham de reboque ate para forma los mais proximas.

A publicação das cartas é um momento especial no movimento editorial. Quando as biografias e autobiografias ocupam cada vez

mais espaço nos catálogos das editoras, expressando uma vontade de saber do seu privado muito além do interesse de sua obra, as cartas trazem algo de novo e fundamental. Ao concluirmos sua leitura temos um quadro muito claro do que foi a vida destas duas mulheres, não a vida privada ou a vida pública, mas simplesmente a vida. Não se deve ler a carta ponderância para saber mais da vida de uma ou de outra. Isto realmente acontece, mas tem pouca importância. O texto em si, os sentimentos que nele estão presentes, é uma obra de síntese e doméstico tempo aberto escrita a quatro mãos.

Finalmente cabe menção especial a cuidadosa edição de Carol Brightman que reuniu as cartas e as publicou com um conjunto de notas minuciosas, muito esclarecedoras, mas suficientemente curtas para não interromper o prazer da leitura, o prazer de privar com estas duas extraordinárias mulheres.

CEU REGINA JARDIM PINTO ■

A solidão da mulher da elite agrária

Ruídos da Memória

MALUF Marna

São Paulo: Ed. Siciliano 1995

A partir de autobiografias e diários de mulheres da elite cafeeira do Oeste paulista *Ruídos da Memória* de Marna Maluf efetua uma narrativa da consciência de uma época. Consciência em termos pois apreende-se que a memória lhe antecede, movimentando-se numa região que é ao mesmo tempo realida de e metáfora. (p.140) Não postula a maneira kantiana, o em si do passado, fiel à ideia segundo a qual um fato acontecido é fato relembrado e limitado. Aquela que quer conhecer deve renunciar a ambição de reconhecer. Originalidade ineditável das recordações estas constituem ruídos da vida anterior. Reencontrar o tempo requer trabalho de artista aquela que no dizer de Montaigne participa da mobilidade do mundo, se faz diversamente de mim, anotou, e por me olhar diversamente. (Ensaios II 19)

Deslocando a noção de identidade do passado para associar-lhe a de correspondência e analogia com o presente o livro entrecreva a modernidade industrial e o mundo agrário porque nos devires do tempo o que lhe interessa é também o futuro. O tempo metaforizado revela a presença de uma época em outra, segundo marcas diferenciais, as memórias de Flora observa Marna Maluf, não são datadas, o que orienta o leitor e o desenrolar de acontecimentos que dão a medida do tempo. Vai da família da infância a dispersão bandeirantista dos irmãos e dela própria até a decadência econômica. (p.79)

Em suas abordagens a autora não descura os elementos epistemológicos gerais articulando a autobiografia a crítica de suas informações procurando os indícios aptos a transformar um fato em acontecimento. A verdade do historiador mostra Marna não é a do filósofo platonico que marginaliza o discurso verossímil para diferir opinião e verdade. O livro constitui as relações do historiador com as práticas sociais documentando as silêncios e as diferenças entre os agentes históricos de modo a restituir a história a tensão entre o costume e a